

O USO DE PROVÉRBIOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA

*Diógenes Cândido de Lima**

RESUMO:

Provérbio é um ditado popular utilizado em determinada situação. Os provérbios têm a finalidade de aconselhar, demonstrar as maneiras pelas quais as pessoas enfrentam a realidade e realizam as suas tarefas. Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância do uso de provérbios no ensino de língua estrangeira, através de um estudo comparativo entre alguns provérbios brasileiros e americanos. Os resultados demonstram que o uso de provérbios na sala de aula de língua estrangeira é de fundamental importância para a compreensão dos aspectos sociais e culturais da língua alvo.

PALAVRAS-CHAVE: provérbios; ensino e aprendizagem de língua estrangeira; formação de professor de língua estrangeira.

Introdução

Provérbio: “máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens”. Assim é definido o verbete provérbio, segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999, p. 1657). Antonio Houaiss (2001, p. 1409), por outro lado, designa provérbio como uma “frase curta, geralmente de origem popular, frequentemente com ritmo e rima, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou regra social ou moral”. Já Shütz (2006, p. 1) refere-se a provérbios como “a expressão do conhecimento e da experiência popular traduzido em poucas palavras, de maneira rimada e ritmada, muitas vezes com alegria e bom humor, uns satíricos, alguns sábios, outros geniais”.

* Professor Pleno do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Coordenador do PPGI/CEL.

Apoiando-se nos conceitos supracitados, é possível afirmar que provérbios podem ser caracterizados como pertencentes a um grupo, ou grupos sociais, que são utilizados com finalidades individuais, ou seja, têm a função de aconselhar, enfatizar, persuadir, advertir, incentivar, cumprimentar, homenagear, suspeitar, retificar e outros objetivos determinados pelo contexto em que são utilizados.

Sem ter certeza da origem dos provérbios, as pessoas os introduzem em suas falas e os identificam quando são ditos por alguém, pois quando alguém cita um provérbio o faz utilizando palavras que não são suas, mas de um grupo de uma certa comunidade que fala por intermédio dele. Daí a autoridade dos provérbios está arraigada na própria língua. Obelkevich (apud ANDRADE, 2002). Pode-se então confirmar a condição de “saber popular” dos provérbios, os quais são transmitidos de geração a geração, mantendo os mesmos aspectos gramaticais (morfo sintáticos e semânticos) e fortalecendo a cultura de um determinado povo.

Velasco, em sua dissertação de mestrado, *Um estudo dos padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira*, apresenta um leque de opções de estudo dos provérbios: a sua condição tradicional, a sua imagem rústica, a sua forma prosódica, o seu valor didático, a sua condição de elemento persuasivo. A origem, a história, a influência, o surgimento e o uso de vários tipos de provérbios; a evolução da sua forma, a tradução dos provérbios de uma língua para outra, a comparação de provérbios, as convenções literárias no uso dos provérbios, a coleção de materiais e a disponibilidade de fontes antigas entre outras, são temáticas a serem exploradas, especialmente no Brasil. É importante ressaltar, ainda, o quanto é relevante o estudo dos provérbios para a pesquisa histórica, já que são oriundos da sabedoria popular: constituem cultura perpetuada não através de escritos, mas da linguagem oral.

Segundo Luyten (1988), os provérbios são um veículo de comunicação pessoal, a qual é, na verdade, uma tentativa de atuação sobre outrem, uma forma de modificar algo na estrutura mental da pessoa que recebe a mensagem. Em cada elocução, há uma intenção. Ao se utilizar um provérbio, o falante incorpora determinada intenção na sentença produzida, ou seja, cada falante sabe a hora exata de inserir o provérbio em um contexto, não sendo este um mero instrumento pelo qual o provérbio é proferido, mas

um meio que seleciona e adapta as determinadas funções dos provérbios a situações adequadas.

Quanto ao conteúdo, podemos classificar os provérbios como de caráter universal, não sendo seu uso ligado a determinado lugar ou tempo. A rima, a repetição, a aliteração, o dialogismo e o paralelismo são alguns dos traços formais que constituem os provérbios.

Por serem manifestações originárias do senso comum, os provérbios se encontram relacionados com os elementos que compõem a natureza, com os animais, com as tarefas do cotidiano, com as partes do corpo humano, com os sentimentos da natureza humana. Também estão presentes nas mais variadas situações de comunicação sejam elas esportivas, políticas, artísticas etc. Ocorrem em grandes textos, como nas conversações do dia a dia, editoriais de jornais, sermões e como textos completos neles mesmos, como em grupos de slogans, em inscrições, em edificações e em antologias, junto a outros dizeres.

Como outras formas de expressões folclóricas, os provérbios são veículos para a comunicação pessoal. Neles, em particular, como em outros atos de fala indireta, pode-se destacar a sua importância para o falante, pois lhe permitem o disfarce de seus verdadeiros sentimentos. Os provérbios representam uma espécie de fuga para o falante, e, ao ouvinte, oferecem opções e apontam para um consenso real ou imaginário.

Os falantes também recorrem aos provérbios em situações de duplo sentido, como, por exemplo, quando são solicitados a tecer um julgamento sobre algo que possa vir a magoar alguém ou revelar suas preferências íntimas. Os falantes, desse modo, também utilizam os provérbios para evitar comprometimentos e refutações pessoais, produzindo um efeito particular, uma mudança no estado de consciência dos ouvintes desejada pelo falante. Esta e outras funções estão de acordo com Mieder (1977, p. 78) que sintetiza:

Os provérbios podem inclusive ter a função de cuidado, persuasão, admoestação, repreensão, depoimento, caracterização, explanação, descrição, justificação, resumo, etc., e é bem possível que um ou o mesmo provérbio tenha diferentes funções em diferentes contextos em que seja empregado.

Um simples provérbio, como “O seguro morreu de velho”, pode ser usado tanto como constatação, quanto como justificção de uma atitude. Assim, os provérbios funcionam como uma base para se fazer analogias entre os fatos ocorridos e o próprio provérbio: “Eles que são brancos, eles que se entendam”.

Os provérbios no ensino de língua inglesa

Os provérbios são parte do repertório linguístico dos falantes de qualquer língua. O uso desses artifícios linguísticos reflete a experiência do indivíduo, mas também impõe regras aos usuários, pois necessitam ser previamente selecionados quanto à lógica social para que funcionem corretamente nos contextos em que são empregados.

Oriundos de manifestações populares, os provérbios são passados, geralmente, por meio da linguagem oral. A inserção deles no ensino da língua estrangeira se faz necessária na medida em que se procura o maior entendimento da cultura por meio da assimilação das manifestações dos falantes da língua. O trabalho com provérbios ajuda o aluno a pensar na língua alvo, ao invés de procurar fazer tradução literal. Schmidt e Lacaz-Ruiz (2006) utilizavam provérbios em suas aulas de inglês para resgatar valores por meio de temas como autoconfiança, determinação, força de vontade, qualidade de vida, cidadania e solidariedade, entre muitos outros. Para esses autores, escutar um provérbio é sempre uma ocasião de olhar para os outros, mas também para si mesmo, seja na forma de exame pessoal ou juízo de alguma situação. Em contrapartida, Schütz (2006) nos apresenta um conjunto de provérbios fazendo sua correlação de significado nas línguas inglesa e portuguesa, algo semelhante à proposta deste trabalho.

Ao intercalar os provérbios no ensino de língua inglesa, reforça-se a hipótese, sugerida pelo teórico Krashen (1982), de que o ideal para a proficiência do estudante de língua inglesa é o maior contato com a língua e a cultura dos falantes, denominada pelo autor como hipótese do *input*. Nessa hipótese, a exposição do estudante a um *input* correto e compreensível favorecerá o desenvolvimento de habilidades com a língua estudada, visando a maior proficiência do aluno. Assim, conforme Carione (1988), quanto

mais exposição e mais correto for o *input* que o falante receber, melhor será a sua produção linguística.

O trabalho com os provérbios promove o resgate e as lembranças culturais dentro da sala de aula. Inseridos no conteúdo do ensino da língua inglesa, os provérbios contribuem para a tradução geral do texto sem que se gaste o tempo traduzindo “ao pé da letra” ou traduzindo literalmente, palavra por palavra – o que pode resultar, algumas vezes, no surgimento de frases que soam diferente do sentido real do provérbio. No caso, “*Procrastination is the thief of time*” teríamos, literalmente, “A demora é o ladrão do tempo”. No entanto, a tradução mais adequada seria: “Não deixe para amanhã, o que se pode fazer hoje”. De forma geral, os provérbios populares geram uma bidirecionalidade indicada pelo referencial oculto familiar aos que participam do contexto, podendo variar de acordo com a situação e com a realidade de cada cultura.

Procedimentos Metodológicos

Com base nas reflexões acima expostas, desenvolveu-se o presente trabalho com o objetivo de fazer um estudo contrastivo entre alguns provérbios da língua inglesa e seus equivalentes em português, bem como ilustrar a importância do uso desses no ensino e na aprendizagem de língua estrangeira. A pesquisa foi conduzida com o auxílio de 12 alunos do V semestre do Curso de Letras com Inglês, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *campus* de Vitória da Conquista, e foi motivada pela abordagem, embora rapidamente, do tópico em questão, no livro texto utilizado para o curso.

Como tarefa extraclasse, depois de estudado o assunto, pediu-se que cada aluno entrevistasse, no mínimo, cinco pessoas, com a finalidade de procurar saber se usavam provérbios em suas conversações diárias, que tipos de provérbios eram esses, em que circunstâncias e com que finalidade eles eram utilizados. De posse dos provérbios em português, pediu-se, em um segundo momento, que os alunos procurassem seus equivalentes em língua inglesa. Por fim, procurou-se saber se os provérbios encontrados eram, de fato, utilizados por falantes norte-americanos. Esse último procedimento foi

feito por meio de correio eletrônico. A lista dos provérbios em inglês foi enviada para algumas pessoas nos Estados Unidos, com o pedido para verificar se tais provérbios eram de seu conhecimento e se faziam uso dos mesmos em suas conversações diárias. Fez-se um levantamento demográfico de cada informante, no que diz respeito à faixa etária, sexo, grau de instrução e naturalidade.

Participaram da pesquisa, no Brasil, 65 pessoas, sendo 30 do sexo masculino e 35 do sexo feminino, cuja faixa etária variava de 10 a 84 anos de idade. O grau de instrução dos informantes era também diversificado, de analfabetos a pessoas com pós-graduação, em nível de mestrado. A maioria era natural da região sudoeste do Estado da Bahia, embora houvesse participantes de outras regiões do Estado e de outros Estados da Federação. Quanto aos participantes americanos, foram apenas 7, sendo 3 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Seis deles tinham mais de 50 anos de idade, não excedendo 70, e um apenas com 23 anos. Todos possuem curso superior, inclusive em nível de mestrado (02) e doutorado (04). Dos sete, 4 residem no meio-oeste, e 3 na região sudoeste do país, em cidades com mais 70 mil habitantes. Percebe-se, claramente, que há uma grande disparidade entre os informantes brasileiros e os americanos, quase em todos os aspectos, mas, principalmente, em termos quantitativos, nível de escolaridade e tamanho das cidades em que residem. Essas variáveis, sem dúvida, tiveram grande influência nos resultados da pesquisa, o que impede, por conseguinte, que a mesma possa ser generalizada.

Apresentamos, a seguir, a lista dos provérbios encontrados e suas equivalências em inglês. Posteriormente, faremos a discussão e a análise dos dados.

	PROVÉRBIOS EM PORTUGUÊS	EQUIVALENTES EM INGLÊS
1	“Casa de ferreiro, espeto de pau”	“ ‘Cobblers’ children never wear shoes” “Physician, heal thyself”
2	“Quem anda depressa é quem mais tropeça”	“Haste makes waste”
3	“Pimenta nos olhos dos outros é refresco”	Sem equivalência

4	“Quem com ferro fere com ferro será ferido”	“He who lives by the sword, dies by the sword”
5	“Não se dá o passo maior do que a perna” “Galinha que acompanha pato morre afogada” “Não faça passos largos quem tem pernas curtas”	“Stretch your legs according to your coverlet” “Cut your cloak according to your cloth” “Don’t bite off more than you can chew”
6	“Diz-me com quem tu andas e te direi quem tu és”	“A man is known by the company he keeps” “Who sleeps with dogs, gets up with fleas” “Birds of a feather flock together”
7	“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”	“A Constant drop will wear a hole in a stone” “Constant dropping wears away the stone” “Water dropping day by day wears the hardest rock away” “Little strokes fell great oaks”
8	“Cão que ladra não morre”	“Barking dogs seldom bite”
9	“Em cavalo dado não se olham os dentes”	“Don’t look a gift horse in the mouth”
0	“Gato escaldado em água quente tem medo de água fria”	“Once bitten, twice shy” “Once burned, twice shy”

1	“Quem anda com porcos, farelo come” “Quem com porcos se mistura, farelos come”	“When in Rome, do as the Romans do”
2	“Nem tudo que reluz é ouro”	“All that glitters is not gold”
3	“Em terra de cego quem tem um olho é rei”	“In the land of the blind, the one-eyed are kings” “In the kingdom of the blind, the one eyed man is king”
4	“Deus escreve certo em linhas tortas”	“God performs His wonders in mysterious ways.”
	“A esperança é a última que	“While there is life, there is hope”

5	morre”	“Hope dies last”
6	“Não chore sobre o leite derramado”	“Don’t cry over spilt milk”
7	“Quem não arrisca, não petisca”	“Nothing risked, nothing gained” “No pain, no gain”
8	“Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”	“A bird in the hand is worth two in the bush”
9	“Deus ajuda quem cedo madruga”	“The early bird catches the worm”
0	“Se conselho fosse bom ninguém dava: vendia”	“Advice when most needed is least heeded.”
1	“As aparências enganam”	“Appearances can be deceiving.” “Looks are deceiving.”
2	“Prevenir é melhor do que remediar”	“An ounce of prevention is worth a pound of cure.”
3	“Em boca fechada não entra mosca”	“First think and then speak.” “A closed mouth catches no flies.”
4	“Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje”	“Never put off till tomorrow what you can do today.”
5	“Melhor prevenir do que remediar”	“Better safe than sorry.”
6	“Cada um por si, Deus por todos”	“Every man for himself, and the devil takes the hindmost.”
7	“Filho de peixe, peixinho é” “Tal pai, tal filho”	“A chip off the old block.” “Like father, like son.”
8	“Pau que nasce torto nunca se endireita”	“The leopard can’t change its spots”
9	“De grão em grão a galinha enche o papo”	Sem equivalência
0	“Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”	“When husband and wife fight, don’t stick in your oar.”

1	“A um bom entendedor meia palavra basta”	“A word to the wise is sufficient.”
2	“Quem corre cansa, quem caminha alcança” “A pressa é inimiga da perfeição”	“Haste makes waste.”
3	“Quem não tem cão, caça com gato”	Sem equivalência
4	“Cada macaco no seu galho”	“To each his own.”
5	“Farinha pouca meu pirão primeiro” “É na necessidade que se conhece os amigos”	“A friend in need is a friend indeed”
6	“Antes tarde do que nunca”	“Better late than never”
7	“Dia da caça, dia do caçador”	“Every dog has his day”
8	“Amanhã a Deus pertence”	Sem equivalência
9	“Não coloque o carro à frente dos bois”	“Do not put the cart before the horse”
0	“Quem não chora não mama”	“Nothing ventured, nothing gained” “The squeaking wheel gets the grease”
1	“Quem vê cara não vê coração”	Sem equivalência
2	“Quem tem telhado de vidro não joga pedra no vizinho” “Quem tem telhado de vidro não atira pedra nos outros”	“People who live in glass houses, shouldn't throw stones”
3	“Quando a esmola é demais o santo desconfia” “Quem muito nos festeja alguma coisa de nós deseja”	“The dog wags his tail not for you but for your bread.”
4	“Antes só do que mal acompanhado”	Sem equivalência

5	“Deus dá o frio conforme a coberta”	Sem equivalência
6	“Quem quer faz, quem não quer manda”	“If you want a thing done well, do it yourself”
7	“Cada louco com sua mania”	“Every fool rides his own hobby”
8	“Quem boa cama faz, em boa cama se deita”	“As you make your bed so you must lie down”
9	“Quem dá o que tem, a pedir vem”	Sem equivalência
0	“Dois sentidos não assam milho” “Dois sentidos não assimilam”	Sem equivalência
1	“Sai da frente que atrás vem gente”	Sem equivalência

Discussão e Análise dos Dados

Conforme se pode observar no quadro acima, foram catalogados, para análise, 51 provérbios em português e suas equivalências em inglês. Os participantes da pesquisa informaram que utilizavam provérbios em diversas situações e com várias finalidades, entre elas, para aconselhar, alertar, fazer analogia, criticar, dar explicação, elogiar, justificar algo, persuadir, repreender, incentivar, suspeitar, retificar, enfatizar, homenagear, inferiorizar etc, corroborando, desta maneira, com o encontrado na literatura sobre o assunto, e com os resultados de pesquisas realizadas anteriormente sobre o tópico (AREWA; DUNDES, 1964; SCHMIDT; LACAZ-RUIZ, 2006; MIEDER, 1995, 1997; VELLASCO, 1996). Não foi observado, nesta pesquisa, o uso do provérbio como argumento específico de autoridade.

Como era de se esperar, não foram encontradas equivalências em inglês para alguns dos provérbios. (Vide números 03, 29, 33, 38, 41, 44, 45, 49, 50 e 51). Isso, talvez, deva-se ao fato de se tratar de uma modalidade de provérbio conhecida como *ditado*. Segundo Souza (2001, p. xi) o *ditado* é conhecido como “o provérbio da plebe: informal, espontâneo e mordaz, tem notório sabor regional, utilizando situações, motivos e personagens típicos do meio rural, onde se originou”.

Para alguns provérbios em português, foi apresentada mais de uma equivalência em inglês, a exemplo dos números 01, 05, 06, 07, 10, 13, 15, 17, 21, 23, 27, e 40. Essa variação talvez possa ser atribuída às diferenças regionais.

Ao procurar a equivalência dos provérbios em língua inglesa, notou-se que muitos dos alunos procuraram fazer uma tradução direta para a língua alvo, o que, de imediato, foi percebido pelos informantes nativos, uma vez que essas traduções, geralmente ao pé da letra, não fazem sentido. Esses provérbios, portanto, foram retirados da lista, após discussão em sala de aula justificando o erro linguístico em se fazer uma tradução literal de provérbios em qualquer língua.

Diferentemente do que aconteceu com os informantes brasileiros, os americanos, principalmente os da região do meio-oeste, informaram que, apesar de terem conhecimento de grande parte dos provérbios a eles enviados para análise, quase nunca os utilizavam em suas conversações diárias. Essa atitude foi confirmada também pelos informantes do sudoeste, porém em menor escala. Ou seja, esses informantes fazem uso de provérbios com mais frequência, talvez pelo fato de estarem mais próximos do México, e de sofrerem uma certa influência da cultura latina, que parece fazer uso de provérbios com mais frequência. Contudo, conforme especificado anteriormente nesta pesquisa, o número de informantes americanos não se mostrou suficiente para se chegar, claramente, a essa decisão. Outros estudos teriam que ser conduzidos para constatar – ou não – essa hipótese

Um fato curioso deste estudo foi que um dos informantes americanos, da região do meio-oeste, observou que, embora paradoxal, nos Estados Unidos, os provérbios são muito mais conhecidos e utilizados por pessoas com certa educação formal do que mesmo pela classe popular. Essa pessoa comentou que jamais seria capaz de utilizar qualquer um dos provérbios da lista acima, em conversa com o seu mecânico, por exemplo, sem que esse o tachasse de estranho e esquisito. Afirma ele: *paradoxically, these "folk" sayings are known more by bookish people than by "folks."* (Paradoxalmente, esses ditados são mais conhecidos por pessoas formalmente educadas do que mesmo pela classe popular – tradução nossa).

Tanto os informantes brasileiros quanto os americanos fazem uso dos provérbios em iguais circunstâncias, e com finalidades semelhantes, muito embora o uso brasileiro seja muito mais notável, não importando o sexo, grau de instrução e naturalidade. Obviamente, as pessoas mais idosas tendem a fazer uso desse recurso mais frequentemente.

Conclusão

Falar uma língua implica, em alguma medida, conhecer o modo de ser dos povos que falam essa língua. Dominar o vocabulário não é suficiente. É necessário saber as sutilezas de contexto, como e quando usar ou não usar cada palavra. Desta forma, o contato com os provérbios, os quais revelam características culturais, facilitará para a melhor compreensão da língua, assim como para sua melhor realização. Sendo os provérbios um instrumento de interação cultural, podem ser incluídos nas aulas com o propósito de se concentrar na sua tradução, o que possibilitará, talvez, a revelação do contexto em que foi usado e a intenção do falante. Neste sentido, pode-se também comparar as culturas, num questionamento que envolva o conhecimento da utilização de determinados termos na língua inglesa, enquanto usamos outros elementos para expressá-los. “*The grass is always greener on the other side of the fence*” – neste provérbio pode-se notar que o aspecto cultural faz utilização da grama (grass), um elemento comum nas residências e parques americanos, enquanto na sua tradução tomamos o termo galinha, que está mais presente em nosso contexto cultural: “A galinha do vizinho sempre é mais gorda”. A propósito, em um estudo conduzido por Lima (2000) sobre choque cultural entre os mórmons norte-americanos que faziam trabalho missionário em Vitória da Conquista, Bahia, foi constatada a dificuldade desses missionários em entender algumas expressões culturais em português. Um dos participantes da pesquisa reportou que “Sometimes, I don’t understand the slang very well. I heard a song called ‘Galinha da Vizinha’ [literally, ‘the neighbor’s chicken’; colloquially the meaning is far less respectful], and I thought it was literally talking about the neighbor’s chicken”. (“Às vezes, eu não entendo gíria muito bem. Eu ouvi uma música chamada A Galinha da Vizinha [literalmente quer dizer A Galinha da Vizinha, mas do ponto de vista coloquial, tem um

significado imoral], e eu pensei que se tratava literalmente sobre a Galinha da Vizinha” (Tradução nossa).

Assim, é interessante que se compreenda o modo de ser dos falantes, que se conheça o porquê e para quê o uso de determinados termos. O estudo da cultura vem neste momento contribuir para o conhecimento da língua, e, portanto, não é necessário apenas ter conhecimento do vocabulário, mas saber as sutilezas dos contextos em que as falas estão inseridas. Sendo considerada a *língua universal* tanto no âmbito científico, quanto no comercial, a língua inglesa lança mão do uso dos provérbios como estratégia de complementação da prática de ensino, considerando estes um meio para a aquisição da língua, a partir da minimalização do contexto e da pouca possibilidade de isolamento da palavra.

A transcrição destes provérbios e sua tradução para a língua inglesa representam um estudo de como esta metodologia pode contribuir para facilitar a assimilação do idioma e da sua respectiva cultura, tornando as aulas de língua inglesa mais atrativas e interessantes, as quais propiciarão aos alunos uma revisão dos elementos linguísticos utilizados cotidianamente no seu contexto social, assim como a análise de culturas interpostas nas expressões proverbiais.

THE USE OF PROVERBS IN FOREIGN LANGUAGE TEACHING: A CONTRASTIVE ANALYSIS

ABSTRACT:

A proverb is a popular saying that people frequently use in certain situation. Proverbs give people advice; tell about a people's traditional ways of experiencing reality, and about the proper or expected ways of doing things. The purpose of this paper is to show the importance of using proverbs in foreign language teaching by comparing some Brazilian proverbs to some American ones. The results show that the use of proverbs in the foreign language classroom is of fundamental importance for the understanding of the cultural and social aspects of the target language.

KEYWORDS: Proverbs; Foreign language Learning and teaching; Foreign language teaching preparation program.

Referências

ANDRADE, T. L. S. *Provérbios falados no nordeste: um olhar lingüístico e histórico*. Salvador: Codefas/Uneb, 2002. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ3_09.htm. Acesso em: jun. 2005.

AREWA, E. O.; DUNDES, A. Proverbs and the ethnography of speaking folklore. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, Part 2, p. 70-85, 1964.

CARIONE, L. Aquisição de segunda língua: a teoria de Krashen. IN: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Org.). *Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 50-74.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio – século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRASHEN, S. D. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LIMA, D. C. Culture shock and language learning. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas: Unicamp/IEL, v. 35, p. 21-33, jan./jun. 2000.

LUYTEN, J. *Sistemas de Comunicação Popular*. São Paulo: Ática, 1988.

MIEDER, W. *The Prentice-Hall Encyclopedia of word proverbs*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc., 1997.

_____. International Bibliography of new and reprinted proverb collections, 1994. *De Proverbio*, v. 1, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://www.deproverbio.com/DPjournal/DP,1,195/bibc94.html>>. Acesso em: 15 out. 2006.

_____. *Träger und Gebrauchsfunktion des Sprichworts*. In: L.Röhrich & W. Mieder, *Sprichwort*. Stuttgart, 1977, p.78-92.

SOUZA, J. R. de. *Provérbios e máximas em 7 idiomas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Y. H. Lucena, 2001.

SCHMIDT, R.; LACAZ-RUIZ, R. *O uso de provérbios e expressões populares no ensino de inglês*. 2006. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/videtur12/proverin.htm>. Acesso em: 15 out. 2006.

SHÜTZ, R. *Provérbios em Português e Inglês*. English Made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/prov.html>>. Acesso em: 26 jul. 2006.

VELLASCO, A. M. de M. S. *Um estudo dos padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira*. 1996. 235 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1996.

Recebido em 25/05/2011.

Aprovado em 12/12/2011.